A representação da empregada doméstica no jornalismo regional: estudo sobre a cobertura da PEC 66/2012 pelo telejornal Paraná TV

João Pedro Santos Teixeira (PIBIC/CNPq), Paula Melani Rocha (Orientador), e-mail: paulamelani@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento De Jornalismo.

Comunicação social/ Jornalismo e editoração.

Palavras-chave: telejornalismo, gênero, raça, classe, PEC das domésticas

Resumo
Este relatório traz os resultados da pesquisa de iniciação científica que teve como objetivo investigar a cobertura da sanção da PEC das Domésticas pelo telejornal Paraná TV primeira e segunda edição. A análise fundamentou-se na representação da empregada doméstica a partir da discussão imagética e jornalística, intersectando gênero, raça e classe. Assim, demonstra-se a falta de reconhecimento da categoria e como os padrões de opressão de gênero, raça e classe são reproduzidos pela mídia em suas produções.

Introdução

A cobertura jornalística deveria reconhecer a empregada doméstica, seus direitos trabalhistas e ressignificando os sentidos de exclusão e opressão do gênero, fugindo de estereótipos referentes ao gênero feminino que são construídos socialmente e se enraízam nas percepções dos padrões biológicos e sociais com lastro no patriarcado, os quais colocam a mulher no espaço privado executando obrigações domésticas. A pesquisa, decorrida no período de agosto de 2018 a junho de 2019, vinculada aos Grupos de Pesquisa Jornalismo e Gênero e Conhecimento no Jornalismo da Universidade Estadual Ponta Grossa (UEPG), ambos cadastrados no CNPq, se propôs a analisar a cobertura jornalística da sanção da PEC pelo jornal televisivo regional Paraná TV Primeira e Segunda edição, transmitido pelo canal de TV aberta Rede Globo. O recorte foi dado com inicio no dia 2 de abril de 2013 (data da publicação no Diário Oficial) e seis meses seguinte, finalizando no dia 2 de outubro de 2013. Desse modo, o objetivo era compreender como a empregada doméstica estava representada e imageticamente colocada pela construção da notícia vinculando a intersecção de gênero, classe e raça.

Material e Métodos

Em primeiro momento foi selecionado o jornal Paraná TV Primeira e Segunda edição pela regionalidade e frequência de publicação, englobando a região dos Campos Gerais e sendo veiculado de segunda-feira a sábado no canal de TV aberta Rede Globo. Levou-se em conta a proximidade regional para maior facilidade de identificação, tanto no processo jornalístico, quanto na representação das empregas domésticas. Recortou-se o objeto de análise a partir do dia de sanção da PEC das Domésticas, publicada em Diário Oficial no dia 2 de abril de 2013 e estipulou-se um limite de seis meses seguintes, finalizando no dia 2 de outubro de 2013. A análise partiria de todas as produções das duas edições do telejornal disponíveis na plataforma de VoD (video on demand) GloboPlay. Entretanto, durante a primeira coleta de material, foram encontrados apenas três materiais disponíveis, todas

curtas e editadas apenas com VTs exclusivos. Partindo disso, foi observada a necessidade de entrar em contato com a redação para verificar a existência e disponibilidade de outros materiais completos sobre o respectivo assunto.

Após conversas entre outubro a dezembro de 2018, foi disponibilizado à pesquisa um CD contendo todos os VTs que continham a tag “PEC das domésticas” categorizados pelo Centro de Documentação (CEDOC) do telejornal. Foram entregues 6 materiais para análise, sendo 4 veiculados no mês de abril/2013, um no mês de junho/2013 e um no mês de setembro/2013. Todos circularam na Primeira Edição do telejornal, transmitida a partir das 12 horas. Portanto a hipótese de um agendamento contínuo e bem pautado foi derrubada. Em vez de reenquadrar o objeto, foi pensado em realizar um aprofundamento na discussão das relações de gênero, classe e raça apoiado na metodologia de decupagem imagética para analisar a composição construtiva da notícia. Desse modo, o processo de decupagem compreende as significações que as imagens geradas pelas notícias criam diante ao telespectador. É por meio dele que podemos compreender melhor como o signo semiótico é interpretado e recebido, pois entendemos como os produtores do material utilizaram regras representativas na construção da notícia (ROSA; CRUZ; EMERIN, 2018, p. 13). O material foi assistido no período de fevereiro à março de 2019 levando em conta para análise as seguintes categorias para melhor classificação e seleção no processo de decupagem: Formato do material; Nome da fonte; Gênero; Raça; Posição imagética; Tempo de fala; Enquadramento (posição negativa ou positiva em relação a PEC); Cargo da fonte; e Tipo de fonte. Seguindo essas diretrizes construiu-se uma tabela com todas as informações coletadas. Logo em seguida, com os dados da tabela, foi realizada uma decupagem geral no material que gira em torno de apresentar “a disposição que organiza o texto-programa como um todo”. (ROSA; CRUZ; EMERIN, 2018, p. 13).

O processo decorreu-se de fevereiro a maio de 2019 e preferiu-se, em vez de descrever cena por cena, apresentar as questões analíticas vinculadas à discussão teórica. Para esse embasamento teórico, utilizou-se de revisão bibliográfica realizada em conjunto com as discussões do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Gênero, realizado semanalmente no período de agosto a dezembro de 2018, e quinzenalmente no período de março a julho de 2019.

Resultados e Discussão

Inicialmente esperava-se encontrar mais fontes empregadas domésticas negras, uma vez que representam 65% da categoria no Brasil (Ipea, 2015) e esperava-se relacionar a raça na discussão. Entretanto, das 6 fontes empregadas domésticas, apenas 2 eram negras (33%). Do total de 15 fontes, 5 eram contratantes e todas brancas, o que demonstram a intersecção entre classe e raça na relação entre empregadora e empregada. Além disso, as notícias apresentaram 2 fontes institucionais, representadas aqui pelo “Sindicato dos empregadores domésticos” e “Agência de empregadas domésticas”, ambas masculinas. Também foram encontradas 2 fontes oficiais, representadas por um Juiz do Trabalho e um Procurador do Trabalho, novamente ambos homens. Vale ressalva que uma fonte oficial e outra institucional são reutilizadas em materiais diferentes, aparecendo duas vezes. Das fontes, 5 são homens e 11 são mulheres. É válido destacar que não consultaram nenhuma fonte institucional representando a categoria empregada doméstica. Para categorizar cada fonte no Enquadramento, observou-se o discurso com recorte na abordagem da PEC, aferindo valor positivo quando era a favor à Proposta de Emenda, ou contra a PEC, ganhando valor negativo. Caso a fonte não

ISSN 1676-0093

apresentasse nenhum dos dois posicionamentos, foi definido valor neutro e uma curta justificativa. Desse modo, foram encontrados 6 posicionamentos negativos e 9 neutros. Todas as empregadas domésticas enquadraram-se no valor neutro.
Última categoria documentada e que merece destaque, é o tempo de fala de cada fonte. No total, obtemos 706 segundos de fala, englobando todas as fontes. Decidimos dividir o tempo de fala conforme cada fonte principal, ficando o critério de: Fonte Institucional (151s), Fonte Oficial (410s), Contratante (92s) e Empregada Doméstica (53s). Desse modo, podemos visualizar o gráfico abaixo que apresenta as proporções de fala em percentagem.

Gráfico 1 – Tempo efetivo de fala em porcentagem

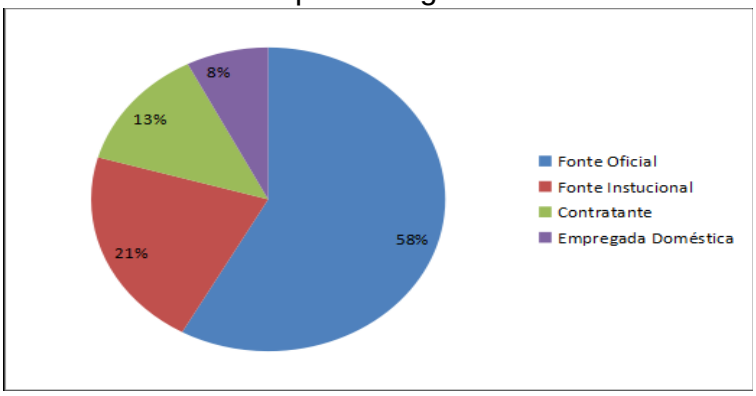
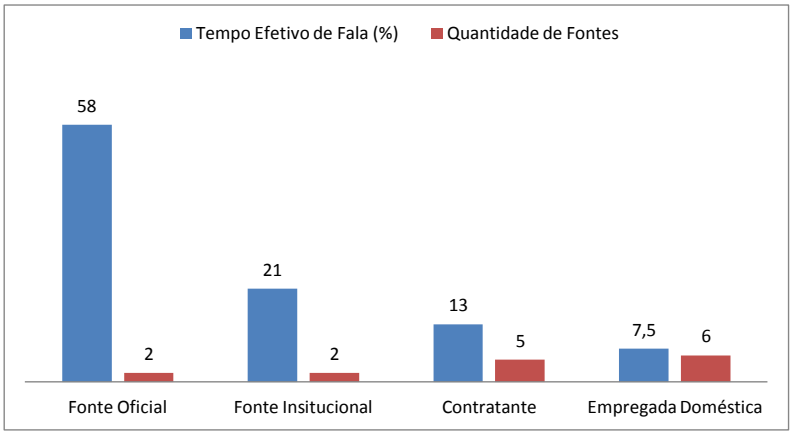


Gráfico 2- Relação Tempo e Quantidade



Conclusão

A empregada doméstica permanece sem o reconhecimento da mídia como uma categoria de trabalho, mesmo dentro de produções jornalísticas guiadas pelos critérios de noticiabilidade – impacto, conflito, Governo, conhecimento (SILVA, 2005) - e busca de um equilíbrio entre as versões deveriam pautar suas visões como trabalhadoras diante de mudanças trabalhistas que afetam diretamente sua classe. É uma categoria oprimida e que não teve direitos por anos, mas mesmo assim o telejornal ressalta o lado dos contratantes, sobressaindo fontes institucionais e oficiais e não testemunhais. Seus momentos de fala são curtos e breves, e direcionados pelos e pelas jornalistas, ou pela presença de seus contratantes que fornecem sistemas opressores. É notória a falta de representatividade da emprega doméstica negra, que como visto, é a maioria no Brasil. As duas ouvidas, apresentam-se em posição de submissão às suas contratantes reproduzindo a desigualdade de classe e, em seu discurso, deixam claro a neutralidade e passividade em relação a sua posição social. As reprodutibilidades imagéticas de classe e opressão de gênero e ausência de raça são reforçadas no processo da

ISSN 1676-0093

construção da notícia. Entrevistar a doméstica na cozinha, servindo o café com a empregadora na sua frente é infligir o direito à representação da sua identidade, sem preconceitos estipulados socialmente como o trabalho servil doméstico da mulher construído pelo patriarcado. A partir do material analisado sobre a PEC das domésticas revelou que o jornalismo reitera os estereótipos culturais e sociais sobre a mulher e a mulher negra, sobre a empregadora e empregada, homens e mulheres. O estudo aponta a necessidade em aprofundar alguns aspectos da discussão: 1) por que aparecem mais empregadas brancas do que negras na cobertura da PEC pelo telejornal regional? 2) o que motivou a emissora e/ou os repórteres envolvidos a priorizarem a versão do contratante?

Agradecimentos
A minha orientadora, Paula Melani Rocha, por me ensinar o processo metodológico e guiar as discussões realizadas, bem como auxiliar durante o processo da pesquisa em todas as etapas. À Universidade Estadual de Ponta Grossa, a CNPq e a Fundação Araucária por fomentarem e incentivarem a pesquisa acadêmica, proporcionando novos conhecimentos para a academia. Ao Grupo de Pesquisa de Jornalismo e Gênero por abrirem espaço para discussões acerca do tema, proporcionando conhecimentos que agregarem o conteúdo da pesquisa. À RPC TV por ter cedido o material analisado na pesquisa. E a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para os resultados colhidos.

Referências
BRASIL. Constituição (2013). Emenda Constitucional nº 72, de 2 de abril de 2013.
CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.
LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p.201-218, dez. 2007.
MOTODA, Érika; VIANA, Lauana; FABRO, Nathalia. **Na casa dos outros:** histórias vividas por trabalhadoras domésticas. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2017.
OLIVEIRA, Livia Sprizao de. **Construcao do discurso audiovisual na reportagem televisiva**. In: seminário de pesquisa em ciências humanas, 11., 2016, Londrina: Uel, 2016. p. 707 - 715.
ROSA, Amanda Regina; CRUZ, Felipe Sales; EMERIM, Cárlida. **Estudos preliminares sobre Metodologias de Análise de Imagens em movimento no jornalismo**. In: INTERCOM SUL, 19., 2018, Cascavel, 2018. p. 1 - 15.
SABINO, Juliana L. M. F.; DAVID-SILVA, Giani; PÁDUA, Flávio L. Cardeal. O potencial da imagem televisiva na sociedade da cultura audiovisual. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, [s.l.], v. 39, n. 2, p.65-80, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201625.
SAFFIOTI, H. Rearticulando Gênero e classe social. In: COSTA, A.O.;
SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p.95-107, 2005.
SILVA, Marcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo::** um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.